



A Filosofia da Lucidez

SUMÁRIO

SUMÁRIO	1
MOTIVAÇÃO	1
DO PRINCÍPIO – O LIVRE ARBÍTRIO	1
A FALTA DE CONTROLE	6

MOTIVAÇÃO

A principal motivação do surgimento desta filosofia da lucidez consiste em uma forma muito diferente de se observar a realidade. Ela está pautada em argumentos lógicos, racionais e filosóficos. Questões básicas sobre a escolha, a vontade e principalmente o livre-arbítrio (conceito este muito mal compreendido) são a base desta nova filosofia que demonstra que todos são o que conseguem ser, no limite de sua intelectualidade, moralidade e demais aspectos dentro das possibilidades existenciais.

DO PRINCÍPIO – O LIVRE ARBÍTRIO

Alguma vez já se questionou de como uma escolha é feita? De como alguém toma uma determinada decisão ou reage de algum modo?

São estes questionamentos como uma chave para um nível muito diferenciado no conhecimento de como as consciências agem no universo.

Quando pensamos nestes assunto, o termo livre-arbítrio vem imediatamente à mente e muitos responderiam prontamente como sendo este o motivo pelos quais as escolhas são feitas.

Porém, para compreendermos a principal conjectura lógica na qual se sustenta este livro, precisamos entender o que é o livre-arbítrio em um outro nível.

Livre: Que age por si mesmo; independente¹. Cujo funcionamento sem coerção ou discriminação é garantido por lei.

Arbítrio: Resolução dependente somente da vontade; Faculdade da vontade se determinar;²

¹ Dicionário Michaelis.

Livre-arbítrio é basicamente a expressão usada para significar a vontade livre de escolha, as decisões livres. Quando se toma uma decisão, para que ela seja livre, não pode haver **coação**. A parte "livre" do livre-arbítrio representa exatamente a necessidade de não haver, de forma alguma particularidade que diminua a liberdade quanto a escolha que venha a ser feita.

Dizendo de outra forma, para que uma escolha seja livre, não deve existir nada que atue de forma a coagir esta liberdade. Somente assim ela será livre. Se queremos algo e nada impede esta vontade, então somos livres. Se acordamos no meio da noite, abrimos a geladeira e escolhemos o que comer, somos livres se não existir nada que pese nesta escolha, como por exemplo comer algo que não é seu (moral) ou comer algo que venha a aumentar o peso. Se tudo o que estiver na geladeira é seu e se não tem problemas com o peso, então sua escolha será **totalmente livre**.

Desta forma, uma consciência faz a sua escolha com base no livre-arbítrio. Mas esta escolha, o quão livre ela realmente é?

Para colocarmos este termo em prática, vamos supor o seguinte exemplo: Imagine que Carlos vá até a padaria para comprar um sorvete. Chegando lá existem apenas dois sabores, chocolate e morango. Ele escolhe morango, afinal é do seu gosto e não existe nada que possa coagi-lo, de nenhuma forma contra a esta vontade. Diríamos que existe uma grande liberdade em sua escolha, pois esta dependeu **apenas de sua vontade**, sendo livre para se determinar.

Vamos colocar a mesma situação, porém com vários dos seus amigos indo na padaria comprar sorvete. Chegando lá, Carlos foi o último a escolher, mas todos os seus amigos pediram sabor de chocolate. Com receio de ser o único a pedir morango e ser vítima de uma gozação, Carlos pede Chocolate.

Quando tem-se uma coação a prostrar a possibilidade da vontade se determinar, em qualquer nível, tem-se uma diminuição do "livre" do termo livre-arbítrio.

Poderíamos colocar outro exemplo, talvez mais factível: Carlos se reuniu com seus amigos com muita vontade de ir a um parque de diversões. Porém, todos os outros gostariam de ir a um bar e não ao parque. Carlos então é coagido a ir onde os demais vão, pois sabe das implicações que ocorreriam por sua insistência em ir ao parque. Ele não estaria exercendo plenamente seu livre arbítrio, pois está de certa forma sendo coagido, empurrado, forçado e não teria a sua vontade espaço pleno para se manifestar.

Naturalmente ele poderia recusar e ir ao parque sozinho, mas isto teria impacto quanto ao coletivo, seu engajamento no grupo, críticas que viriam, etc. Ele não é totalmente livre para simplesmente escolher e todas estas ideias, sentimentos, pensamentos sobre o que pode ocorrer pela sua insistência podam seu livre arbítrio.

² Dicionário Michaelis.

Ao imaginar-se a primeira situação, onde Carlos teria ido sozinho na padaria, potencializando a liberdade do seu livre-arbítrio, por qual motivo ele teria escolhido morango e não chocolate? Ou na segunda situação onde ele, sozinho, teria ido ao parque e não ao bar?

Afinal, existe uma explicação para que ele tenha feito estas escolhas, mas quais seriam?

Poder-se-ia dizer que a sua escolha foi promovida pelos seus gostos e que tais gostos seriam um resultado de situações que promovessem esta educação alimentar. Um exemplo disto seria sua mãe gostar mais de morango, passando a induzir este gosto no seu filho. Independente do motivo, existe uma explicação para tal comportamento. Existe um "**porque**" para aquela escolha.

No decorrer da história, algumas correntes de pensamento filosófico foram sendo edificadas na tentativa de compreender esta questão. A primeira corrente, apresentada por Descartes e Kant procura entender o livre-arbítrio como completamente arbitrário. Assim, independente das possibilidades a serem escolhidas, qualquer uma delas será possível, independente da situação. Seria como dizer: Para matar ou não alguém, temos sempre 50% de chance. A segunda corrente, muito bem representada por Spinoza e diversos filósofos que seguem a linha mais materialista defendem que o livre arbítrio como não absoluto, sendo o homem condicionado a fazer suas escolhas a partir do que ele é. Se alguém escolhe ser mal é porque ele é mal e isto estaria em similaridade com a sua natureza que o condicionou a tal, desde sua criação.³

Neste ponto devo apresentar três conceitos filosóficos sobre a liberdade da escolha do livre-arbítrio: O Determinismo, o Indeterminismo e o Compatibilismo.

Significado de Determinismo⁴

s.m. Princípio segundo o qual todo fato tem uma causa e, nas mesmas condições, as mesmas causas produzem os mesmos fatos, o que implica a existência de leis específicas que regem fatos e causas.

No **determinismo** tudo seria regido por este comportamento e o futuro seria absolutamente imutável. A ideia do determinismo é absolutamente lógica e não se pode escapar dela sem a atribuição de algo desconhecido. É preciso atribuir um fato externo que possa quebrar este fluxo de causa e efeito. Desta forma o determinismo seria como uma função matemática, onde com os mesmos valores de entrada resultam necessariamente nos mesmos valores de saída.

³ Artigo O LIVRE-ARBÍTRIO – Daniel A.Lima. geak.com.br/site/upload/midia/pdf/o_livre-arbitrio.pdf

⁴ Dicionário on-line de língua portuguesa - <http://www.dicio.com.br/determinismo/>

Ao escolher-se algo, esta escolha poderia ser um resultado de trilhões de combinações, tendências, educação, momento histórico, genética, momento evolutivo da consciência em um efeito dominó de acontecimentos.

O grande problema do Determinismo é que nos torna totalmente robóticos, já que tudo o que somos, os sentimos que possuímos e que acreditamos seria um resultado lógico, inquebrantável, uma causa de trilhões de efeitos interagindo de uma forma absurdamente complexa.

A ideia do Determinismo é muito sólida. Apenas pode-se quebrá-la parcialmente e com o intermédio de algo que não pode ser provado, e para tanto, muito usualmente é utilizado Deus para tal fim.

Significado de Indeterminismo⁵

s.m. Sistema filosófico segundo o qual o curso natural das coisas não se acha submetido a nenhuma lei, a nenhuma causalidade inteligível, quer se trate dos atos humanos, quer dos fatos naturais.

O **Indeterminismo** seria o princípio no qual alguns acontecimentos têm causas não lineares previamente determinadas. Corresponde assim a uma quebra da causalidade definida pelo Determinismo, por esta corrente de acontecimentos, este efeito dominó. Esta quebra seria ocasionada por algo que não sabemos, obscuro, inserto, indeterminado.

Desta forma o Indeterminismo só é possível se assumirmos um agente de quebra da cadeia do efeito dominó de causa e efeito.

O **Compatibilismo** seria a união entre o Determinismo e o Indeterminismo. Este é o conceito mais aceito e que poderia representar mais como as escolhas seriam efetivamente feitas pelas consciências. A fim de conjecturar-se logicamente o assunto, poder-se-ia dizer que 95% corresponderia ao Determinismo e 5% ao Indeterminismo.

É inegável logicamente que o Determinismo é a maior parte, pois nos é mostrado, a todo o momento esta relação de causa e efeito em toda a parte. O Indeterminismo está baseado em uma hipótese não lógica, que foge ao que se pode provar. Porém, existe algo que nos indica que assim deve ser: o sentimento, pois não somos robôs.

O pensamento de que somos apenas robôs de uma causa e efeito lógicos, da mesma forma que a ideia de um destino inquebrável é brutal. É este sentimento interno que torna esta realidade onde só existiria o Determinismo tão incompleta. Algo nos diz que isto não seria possível, algo profundo, como o próprio Deus que existe e que nos impulsiona para o progredir infinito. Este sentimento nos mostra que esta lógica poderia não ser possível.

⁵ Dicionário on-line de língua portuguesa - <http://www.dicio.com.br/determinismo/>

É necessário analisar o livre-arbítrio sob estas duas formas, Determinista e Indeterminista para compreender seu funcionamento em uma estrutura onde as duas atuem simultaneamente (Compatibilismo).

É **imprescindível** antes de terminar estas definições colocar um ponto onde existe uma total **confusão** com os significados. Precisamos sempre nos ater ao real significado das palavras e não atribuir a elas ou uma definição sem compromisso com seu real significado.

Determinismo é diferente de **Determinado**, assim como **Indeterminismo** é diferente de **Indeterminado**.

Significado de Determinado⁶

adj. Que se pode determinar; que foi estabelecido, resolvido ou decidido; aprazado ou estabelecido: valor determinado.

Que demonstra decisão ou resolução; decidido: um sujeito determinado.

Que foi estipulado com antecedência; estabelecido. .

Significado de Indeterminado⁷

adj. Que não é determinado, que não é fixo: espaço indeterminado.

Indefinido, indistinto. Matemática Diz-se de um sistema de equações ou de um problema de que uma ou várias incógnitas podem ser escolhidas arbitrariamente, sendo as outras funções desses valores arbitrárias.

Antes de Newton, a trajetória de um objeto com o tempo era indeterminada, pois não se conseguia prever o comportamento do objeto pela falta de conhecimentos (ignorância). Isto não quer dizer que este movimento não seja efeito de uma causa (Determinista).

É assim tanto na física clássica como na física quântica. Na física quântica, existe o indeterminado, pois é como uma caixa preta. Suas leis são totalmente não intuitivas e seu comportamento não segue a lógica da física clássica. Assim, se utilizam curvas de probabilidade para conhecer o seu comportamento, que é reprodutivo e provado cientificamente. É assim com o efeito da incerteza do cientista alemão Werner Karl Heisenberg (1901-1976).

Princípio da Incerteza, resumidamente, declarava ser impossível determinar com precisão e simultaneamente a velocidade e a posição de um elétron. Dessa forma é indeterminável a posição simultaneamente com a velocidade do elétron, mas isto não quer dizer que ela é indeterminista, pois se assim fosse, seria obra do acaso.

Este fenômeno da incerteza tem uma explicação Determinista: Heisenberg entendeu que os métodos utilizados para se medir o comportamento do elétron acabavam por influenciar este

⁶ Dicionário on-line de língua portuguesa - <http://www.dicio.com.br/determinado/>

⁷ Dicionário on-line de língua portuguesa - <http://www.dicio.com.br/indeterminado/>

comportamento, de modo que, quanto mais precisa fosse a medição da variável posição, menos confiável seria a da variável velocidade. Para se medir partículas subatômicas, são necessários a emissão de outras partículas com a mesma escala de grandeza. Seria como tentar medir a posição e velocidade de um carro utilizando-se uma árvore: Todo o experimento estaria arruinado.

Este conceito é incrivelmente confundido por muitas pessoas. O fato de algo ser indeterminável, não o torna indeterminista; são coisas muitíssimas diferentes, porém a semelhança na palavra gera esta enorme confusão.

Se a física quântica fosse indeterminista, ela não seria reproduzível (por ser obra do acaso), nem controlável. Mas é, pelo contrário passível tanto de reprodução, como de comprovação experimental de suas teorias, o que mostra estarem tais fenômenos submetidos a uma lei que foge do nosso real entendimento. Assim a física quântica é indeterminada, não indeterminista.

O acaso não existe. Essa suposição fere tudo o que nos tange a razão e o discernimento.

O ponto chave deste livro reside na conjectura de uma forma de analisar como as escolhas são feitas sem ferir nenhuma das teorias existentes.

A FALTA DE CONTROLE

É este o ponto mais difícil do livro, onde o orgulho será muito atacado. É neste ponto que devemos nos desarmar de forma franca, baixar os braços e procurar entender o que proponho mostrar. Se passar por este capítulo, certamente chegará ao final do livro.

Tenha em mente que para algo lógico não fazer sentido, é necessário um argumento lógico de força igual ou superior para se tomar como base. Caso contrário, deve-se ao menos admitir a possibilidade deste último pela sua coerência e, principalmente, por não existir nada que se oponha a ele em semelhante nível.

Vamos criar uma situação hipotética onde temos uma escolha simples, a escolha entre uma bifurcação na estrada.

Agora vamos dizer que pudéssemos escolher qual caminho seguir utilizando completamente cada uma destas duas formas de considerar-se o livre-arbítrio.

Se alguém escolher o caminho da esquerda utilizando somente o livre-arbítrio do ponto de vista **Indeterminista** (100% da sua escolha baseada nele), qual seria o **controle** desta sua escolha se ela foi definida por um evento desconhecido que simplesmente “*pipocou*” em sua mente ou que foi induzido por algo de fora, independentemente dele?

Digamos que neste momento de decisão teríamos sido induzidos por um pensamento de bons ou mal espíritos, por Deus, ou por qualquer outra manifestação que nossa limitação desconhece, qual seria o controle que teríamos sobre esta escolha?

No outro cenário, se levarmos em conta o livre-arbítrio sobre o ponto de vista Determinista, teríamos a escolha determinada pela vontade, como resultado do que a pessoa é como um todo.

Esta vontade é um resultado da nossa educação, temores, valores, genética, evolução espiritual. Teríamos **controle** sob esta escolha se ela se apresenta como um resultado de uma cadeia complicadíssima de causas e efeitos?

Se escolhêssemos o caminho da esquerda, esta escolha de alguma forma teria sido mais favorável ou algo nos teria identificado com ela. De uma forma ou de outra teríamos uma explicação exata para a nossa tomada de decisão sobre aquele caminho.

Temos também uma terceira e última possibilidade, o Compatibilismo, o que estaríamos aqui considerando como o mais real, a forma aceita neste livro.

Se não teríamos controle real, efetivo de nossas escolhas em uma situação de livre-arbítrio sob o ponto de vista Determinista, nem controle em um livre-arbítrio sob o ponto de vista Indeterminista, como obter controle com o Compatibilismo?

Assim, em nenhuma destas três e únicas formas de manifestação do livre-arbítrio temos o **real controle** da escolha e a mistura destas duas formas de livre-arbítrio logicamente não definiriam nenhuma conclusão diferente.

Quando digo que não temos o controle efetivo sobre nossas escolhas, sei que isto ataca diretamente nosso orgulho.

É com muito cuidado que procuro não macular o maravilhoso livre-arbítrio dado por Deus para as suas criaturas terem a liberdade de escolherem seus próprios caminhos.

O que eu mostro, de uma forma muito diferente, é que existe um entendimento muito mais profundo para explicar o que leva alguém a ser como é, mas para se compreender isto se faz necessário estudar amiúde suas razões e motivações, chegando a conclusão de que: **Não temos como não ser o que somos.**

Então eu pergunto: Como responsabilizar uma consciência se a sua escolha foi uma mistura destas duas formas de liberdade que não confere efetivamente **controle** nenhum à ela sobre suas ações?

A responsabilidade pelas ações de uma consciência se dá pela necessidade de aprendizado, **somente por esta razão.** Enquanto existir a ignorância será necessário este mecanismo de correção. É necessário que exista a punição, a conta partida de uma ação não edificante.

Desta forma, independente de como uma consciência interprete o livre-arbítrio, ela nunca terá o controle efetivo sobre suas escolhas, o que nos leva ao seguinte e mais importante definição de todo o livro, um tributo a indulgência em seu mais profundo estado:

"Cada consciência neste universo é e sempre será o melhor que consegue ser, uma manifestação fiel de si própria, de seu momento evolutivo rumo a perfeição".

O Controle efetivo das nossas ações, em qualquer combinação que se dê quanto à observação do livre-arbítrio nunca existirá. Quando eu digo que não existe um controle tento mostrar que as ações que uma consciência promove são uma manifestação em concurso com seu íntimo, com sua natureza, com seu momento evolutivo, reflexo do seu espírito.

Os maus, ainda imersos na ignorância, são assim pela razão de não conseguirem manifestar a bondade, pois lhe falta o **sentimento**, a empatia que serão conseguidos apenas com as sucessivas reencarnações que lhe serão presenteadas.

Os maus só assim se manifestam porque não conseguem fazer o bem e está longe desta afirmação ser somente um jogo de palavras. Se fazemos o bem, isto é uma manifestação de algo que trazemos no íntimo e que deixar de fazê-lo acarreta em um incomodo, insatisfação e desconforto. Não fazer o bem para alguns dilacera a alma, realmente machuca o coração.

Os que não amam, não o fazem simplesmente por não quererem, mas porque **não conseguem**. Os que odeiam, o fazem por não conseguirem amar. Por outro lado os que amam, não conseguem odiar e o fazem movidos por algo tão profundo que se torna natural e inevitável.

Talvez seja este o ponto mais complicado deste trabalho e será necessário abrir mão do **orgulho** para realmente entender que não existe controle sobre o que nós somos, sobre **como nos sentimos**. Em outras palavras, não podemos fugir do que somos. Então, como ocorre que uma consciência procura se melhorar?

Esta é uma pergunta que devemos procurar responder primeiramente por nós mesmos. Se honestamente nos analisarmos, veremos que algo interno nos incomoda a ponto de procurarmos um outro caminho. Este incomodo é o motivador de todo este movimento. Se está lendo este livro, é porque algo o motivou e não teve controle sobre essa motivação, porque isso é ser o que você é, como manifestação absoluta de si mesmo.

Talvez a forma mais fácil de entender o que tento expressar em palavras é a auto observação. Quando nos descontrolamos, surtamos ao impulso da raiva, percebemos esta falta de controle em nós mesmos.

Analise-se e perceberá que as respostas quase sempre estão em seu íntimo. Todos os ensinamentos de Jesus poderiam seguramente serem observados com muita felicidade nesta frase: ***"Como vocês querem que os outros lhes façam, façam também vocês a eles."*** Lucas 6:31

Poderíamos deixar na forma mais conhecida: *"Faça aos outros o que você gostaria que eles fizessem à você"*.

Perceba que em uma única frase Jesus consegue mostrar de uma forma incrivelmente assertiva como devemos nos comportar, em toda a sua extensão, e que ela diz mais sobre nós mesmos do que sobre os outros. Este seria o motivo da máxima "conhece-te a ti mesmo" ser tão importante para conseguirmos avançar na senda do progresso que se abre a nossa frente.

*Não somos o que queremos ser, mas sim o que conseguimos ser. Não queremos o que queremos, mas o que conseguimos querer. "O Homem é livre para fazer o que quer, mas não para querer o que quer."*⁸

⁸ Arthur Schopenhauer